

A Lei dos Santos

“Olharam em direção ao povoado e viram que os negros, com suas mulheres e crianças, já saíam tão rapidamente quanto podiam de suas habitações, porque haviam visto seus inimigos. Mas estes, bradando por São Jaime, por São Jorge e Portugal atacaram imediatamente. Então se poderiam ver mães abandonando seus filhos, e maridos as mulheres, cada qual lutando para escapar como pudesse”.

Este relato é o registro de Azurrara, chefe de uma expedição portuguesa, sobre um assalto a uma aldeia no litoral centro-oeste da África em 1446.

Desde que o homem negro virou mercadoria de valor nas mãos de traficantes e escravistas, há registros de que em quatro séculos, do século XV ao XIX, entre escravizados e assassinados, a África perdeu entre 65 e 75 milhões de pessoas. Estima-se que para o Brasil vieram aproximadamente um milhão e trezentos mil negros escravizados.

Quando aqui chegavam, a forma de reação desses escravos aos inúmeros sofrimentos a eles impingidos, variavam desde a formação de Quilombos, suicídios, assassinatos a feitores, capitães-domato e até proprietários. Mas foi com a religião que os negros escravos encontraram sua maior forma de resistência. A macumba foi, com certeza, o principal instrumento de reação dos negros. Sua crença foi, é e será, para todo o sempre, o lenitivo espiritual, que, apesar de todo holocausto praticado contra os negros, fará dessa raça tão maltratada a fonte imorredoura da espécie humana. Pois, entre todas as raças que povoam a terra, o negro é o maior viciado em sobrevivência. Pela potestade dos seus Orixás. Pela crença negra na Lei dos Santos Orixás.

Essas crenças, quando aqui chegaram, mesclaram-se, somaram-se os rituais das muitas tribos africanas. Mas é necessário que se diga que essa mesclagem não ocorreu somente aqui no Brasil. Há registros de que essa mistura de cultos e Deuses já acontecia em terras africanas.

Houve uma época em que Gêges dominaram os Iorubas e os Ashantis. Por sua vez, os muçulmanos dominaram os Gêges e várias outras nações, inclusive algumas Bantus.

Da onde se deduz um entrosamento de crenças e rituais, numa verdadeira miscigenação de Deuses.

Sabe-se que os Nagôs e Gêges se influenciam reciprocamente. Assim também como os povos Bantus, os Angolanos, Congos, Banguelas, Rebolos, Moçambiques e outros, findaram por assimilar muito da religião gêge-nagô.

Chegando ao Brasil, esses rituais africanos se fixaram praticamente nas cidades, no litoral, principalmente, no Rio de Janeiro, Salvador e São Luís, em decorrência da maior concentração, nestes locais, de mão de obra escrava.

Como explicar então, que Mãe Joaquina, lá no “*não-sei-aonde*” do sertão, tivesse conhecimentos de Umbanda, Candomblé, Xangô, Catimbó e até Pajelança?

Sabe-se que a religião africana ao adentrar-se nas caatingas do Nordeste, foi tomando feições diferenciadas. Talvez em decorrência de encontrar lá no sertão um catolicismo, embora que já acabocladado, mas que havia conservado o que tinha de mais primitivo em seus dogmas, chegando às raias do fanatismo; aferrando a fé dos sertanejos aos Santos comprovadamente milagreiros, como São Francisco do Canindé, São José, entre outros Santos a quem os sertanejos devotam fé; fé esta estimulada e amparada celestialmente por representantes de Deus na terra, do quilate de Antônio Conselheiro, Padre Cícero Romão Batista, Beato José Lourenço, entre outros beatos não tão difundidos. Havia até boi produzindo milagres de fazer Deus arregalar os olhos. Mas o povo indiano está aí para comprovar que os sertanejos não são os únicos.

Ao encontrar essa fé arraigada, os ritos africanos foram se misturando às crendices e outras práticas de fé sertanejas, se transformando assim, em Catimbó. Diferente do Candomblé, do Xangô, da Macumba e da Pajelança (sendo esta última mais praticada por índios do norte). Não exigindo o Catimbó para sua prática, um período de iniciação, não cobrando preceitos especiais, cerimônias, trajes ou toques. Acredito até que esse *camaleamento* das crenças africanas no sertão aconteceu por questões econômicas; o sertanejo, com certeza não tinha, como ainda hoje não tem, nem rapadura e farinha para se alimentar. Como iria bancar luxos e caprichos exigidos pelos Orixás, sendo a fé, sua única riqueza e força? Assim, foi o Catimbó transformando-se num parente de segunda ou terceira linhagem na Lei dos Santos Orixás. Assim como todo nordestino é apenas um parente distante, e pouco querido, para muitos brasileiros, principalmente os que vieram da Europa, fugindo das guerras, fome e peste, se consideram hoje mais brasileiros do que os povos indígenas e africanos.

Mas, deixemos a teoria para os cientistas; a massa de milho é para o cuscuz e o xerém é para os pintos.

Joaninha, com certeza já nascera “*desenvolvida*” na Lei dos Santos, já que mantinha contato permanente com os Orixás, seus mestres de Guia, seus Pretos Velhos, seus Índios e seus Caboclos. Em assim sendo, era ela uma *Mestra* de todas as manifestações religiosas indígenas e africanas. Em hipótese, por ter correndo nas suas veias a força do sangue dessas duas grandes raças, que, apesar de todo o preconceito, permanecem no espírito do grande povo brasileiro.

Raimundo Cavalcante, em “Viventes da Baixa da Égua”, Prêmio Osmundo Pontes, da Academia Cearense de Letras, 2000.